

NEOLOGISMOS: HUMOR E SÁTIRA NOS TEXTOS DE JOSÉ SIMÃO

Maria Flávia Fabbri de Araujo Espada¹

¹Docente do Curso de Ciências Contábeis do Instituto Municipal de Ensino Superior - IMES Catanduva, e-mail: m.flavia.faespada@gmail.com | Avenida Daniel Dalto s/nº (Rodovia Washington Luis - SP 310 - Km 382) | Caixa Postal 86 | 15.800-970 | Catanduva-SP;

RESUMO

Este trabalho objetiva analisar o humor do jornalista José Simão e sua relação com a linguagem revelada nas charges. Estabelecemos como foco principal deste trabalho a análise da produção neológica como efeito da crítica do jornalista José Simão. Desse modo, analisamos como ele capta a crítica social que perpassa os acontecimentos e a transforma em vocábulos, cuja manifestação nos leva, exatamente, à crítica representada, aos moldes das ressignificações do humor encontradas nas charges e cartuns. Sem a pretensão de se elaborar um quadro tipológico de cruzamento vocabular, neste trabalho elencamos alguns procedimentos próprios do estilo de José Simão.

Palavras-chave: Morfologia Lexical, Neologismo, Humor.

ABSTRACT

This work aims to analyze the mood of journalist José Simão and his relationship to language revealed in the cartoons. Established as the main focus of this work the analysis of neological production the effect of criticism of journalist José Simão. Thus, we analyze how it captures the social commentary running through the events and turns it into words, whose manifestation takes us exactly to criticism represented, to mold the mood reinterpretation found in cartoons and cartoons. Without intending to draw up a typological framework of vocabulary intersection, this paper proposing some José Simão style own procedures.

Keywords: Lexical morphology; Neologism; Humor.

INTRODUÇÃO

“Eu acho que a Luciana Gimenez nasceu numa ex-república soviética chamada ANTAquistão! No programa dela, o ‘SuperPobre’, apareceu a Gretchen, a bunda das cavernas, a protobunda! Que levou a filha para mostrar suas fotos na revista ‘Sexy’. E, apareceu uma foto inteira só com os pés pelados, a Gimenez gritou: ‘Que foto ótima para os pedófilos’. Entendi, ela deve fazer os pés no pediatra. ‘Tô com unha encravada, vou ao pediatra’. ‘Pédiatra, aquele que cuida da saúde dos pés.’(José Simão, F.S.P. 28/09/01 - E 7)

Os leitores, inseridos na comunidade brasileira culturalmente definida pela época atual, sorriem e concordam com o jornalista José Simão.

Esse sorriso revela o reconhecimento da criatividade lexical que preenche a falta vocabular na textualização, mas também indica um trabalho estratégico que todo falante possui em estabelecer, na sua flexibilidade mental de reelaboração de visão de mundo, outras associações que rompem o limitado espaço de associações pré-estabelecidas. Esse é, portanto, o universo lexical em que se move o homem na sua sempre intenção de, a partir do velho, construir o novo.

Assim é José Simão: dono de um estilo que se revela na crítica mordaz, apresenta um jogo criativo na manipulação do léxico que retrata a sua capacidade de desnudar situações pontuais do cenário nacional e internacional, fazendo-nos rir. O seu refrão “Nóis sofre, mas nóis goza” vai ao encontro da essência do motivo do riso e sua coluna, segundo Almeida (1998, p.52), “funciona como uma parada para a ressignificação”.

José Simão, jornalista humorístico, tem uma coluna diária na Folha de São Paulo desde 1987, quadro na BandnewsFM desde 2004 e o telejornal humorístico Monkey News na UOL de 2002 a 2013. Possui vários livros publicados, entre eles "A Esculhambação Geral da República".

Em nosso trabalho, apresentamos o interesse em estudar a criação lexical e os motivos que sustentam os efeitos humorísticos dos textos do jornalista em questão.

O processo de criação se propaga pelo contexto sociocultural, de onde ele se origina e cujo efeito é resgatado pelo leitor. Pelo fato de

“aproximar-se” do texto de José Simão no trabalho de elaborar as “ressignificações”, sente-se produtor do texto também, quase que numa atitude em que ele próprio se prestigia por ser ele o sujeito da recuperação dos sentidos das palavras que, inusitadamente, Simão lhe propõe. E nessa reconstrução, nessa dinâmica do jogo lexical, nesse “aproximar-se” do texto, o leitor dá ao jornalista o poder de ser o seu porta-voz na crítica com a qual ele se identifica.

Desse modo, na perspectiva da observação empírica, tomamos esse aspecto “diferente” do processo de criação textual do jornalista como uma característica própria do seu estilo, no sentido de que a base de seu processo de produção lexical, ou seja, a manipulação inusitada das palavras remete-nos, na própria unidade criada.

Desse modo, nosso trabalho tem como objetivo apresentar uma análise da criatividade lexical resultante da aplicação de um conjunto de estratégias, elaboradas e reelaboradas pelo produtor José Simão, para suprir a falta vocabular. Assim, em seus diferentes procedimentos neológicos, através do “velho”, do aprendido, constrói o “novo”, o criativo e dele se utiliza para a realização de um humor crítico que resulta na caricatura do momento histórico.

MATERIAL E MÉTODOS

O presente artigo apresenta algumas crônicas de José Simão publicadas no Jornal Folha de São Paulo. Em um primeiro momento, realizou-se um levantamento dos artigos selecionados para, em seguida, efetuar a seleção dos itens lexicais a serem trabalhados. Após essa etapa, iniciou-se o estudo sobre as leituras envolvendo principalmente o ponto de vista linguístico sobre o que é neologismo e alguns processos de formação de palavras que foram utilizados para a criação desses neologismos, como também sobre o estilo do jornalista José Simão e seus objetivos ao escrever seus textos. Por fim, as análises dos itens lexicais selecionados por nós foram realizadas com embasamento nas teorias estudadas.

FUNDAMENTAÇÃO TEÓRICA

Quando falamos em criatividade em relação ao campo de ampliação do léxico, com a produção de novas unidades, pensamos, inicialmente, na questão: por que criar ou produzir novas palavras?

Como resposta a essa questão, podemos argumentar a respeito da necessidade de o homem interagir em seu meio cultural, sempre determinado por situações transformadoras. E o léxico dessa língua, que estabelece a mediação entre o homem e o mundo que o cerca, transforma-se também, de acordo com suas necessidades frente às mudanças. Portanto, assim como a sociedade se move e se modifica, a língua que a expressa, acompanha-a, submetendo-se a ela, produzindo palavras que mobilizem a eficácia da comunicação requerida para o momento, denotando um processo de manipulação do léxico, efetuado pelo usuário.

Para Basílio (1989, p.9), o motivo para a criação de novas unidades lexicais deve-se, então, nesse contexto dinâmico e sociocomunicativo, à necessidade de utilizarmos uma palavra “em uma ou outra classe gramatical e à necessidade de um acréscimo semântico numa significação lexical básica.”

A autora indica, porém, que tais motivos se revestem de um caráter secundário no contexto social do processo de criação lexical. A verdadeira causa, na verdade, advém da resposta à questão feita por ela: “por que não temos uma palavra para uso em cada classe gramatical e por que não temos uma palavra para cada acréscimo semântico necessário?” (BASÍLIO, 1989, p. 10).

Obviamente, essa realidade é impossível, já que, segundo Basílio (1989:10), afetaria a eficácia comunicativa da língua, traduzida em um “máximo de flexibilidade em termos de expressão simultaneamente a um mínimo de elementos estocados na memória”. É, portanto, esse mecanismo que permite não sobrecarregar a memória, garantindo-se, pois, a eficácia no processo de interação social, mediado e construído pela linguagem.

Nesse sentido é que Sandmann (1992, p.23) indica como o recurso principal para a ampliação do léxico a “formação de palavras a partir de palavras/morfemas preexistentes” enfoque não diferente dos “motivos” de Basílio (1989), que são a mudança de classe gramatical e o acréscimo semântico, a partir de unidades já existentes no léxico.

A noção de criatividade firma-se a partir do conceito de produtividade, o que implica, necessariamente, a relação entre o “velho”, o aprendido e o “novo”, o criativo, produzido com base no anterior.

Embora os termos **criatividade** e **produtividade**, no campo da formação de palavras, sejam usados como sinônimos, acreditamos que o segundo seja o mais adequado para indicar o referido processo, já que criatividade traz em seu bojo a noção de sujeito como a origem do dizer e da criação. Preferimos, portanto, o termo **produtividade**, pois é com o “velho”, como dissemos, que o sujeito **produz** o “novo”.

NEOLOGIA E NEOLOGISMOS

A neologia é definida como o processo de formação de novas unidades lexicais e ao resultado desse processo dá-se o nome de neologismo.

Segundo Rey (1976), o domínio da neologia baseia-se em dois conjuntos: o dos empréstimos e outras formas não motivadas para a maioria dos falantes, que são imprevisíveis e estranhas à gramática da língua (“stockar”-anglicismo - estocar), e o da morfologia, que reflete, através da estrutura semântica, uma estrutura sintática mais profunda (“usinette” – pequena oficina).

Para Biderman (2001), o léxico é um sistema aberto e sempre em expansão, o que nos remete ao fato de que, incessantemente, novas criações são incorporadas ao léxico, sendo o neologismo uma delas. Segundo a autora, há dois tipos de neologismos: o **conceptual** e o **formal**. No primeiro caso, trata-se de uma aceção nova que se incorpora ao campo semasiológico como em *excedente* (aluno excedente no exame vestibular em relação às vagas oferecidas); no segundo caso, há a formação de uma palavra nova a partir de um termo vernáculo ou um empréstimo estrangeiro como em *escanear*, *genoma* e, às vezes, por uma lexia complexa: *coleta seletiva de (do) lixo* ou expressão idiomática: *acabar em pizza*, *cair a ficha* e *sacar um lance*.

Na dinâmica do movimento social e do desenvolvimento científico, como sempre, há a necessidade de, na relação do homem com o mundo por meio da língua, nomear/representar os novos fatos, ideias e objetos por meio de novas unidades lexicais, o que indica a fertilidade do campo da criatividade lexical. Mas, como prova de que esse campo - como em qualquer outro referente à linguagem - é interdependente do meio social em que ele se insere, está o fato de que, na difusão dos neologismos, existem algumas regras “comandadas” pela sociedade que os criou. Assim, se essa comunidade linguística, na frequência de seu uso,

aceita a nova unidade, ela é dicionarizada; caso contrário, ou seja, se o sentido de novidade não for coletivo e partilhado, ela cairá no esquecimento e desaparecerá. O neologismo é, portanto, uma unidade do léxico (palavra, lexia ou sintagma), cuja forma significativa ou cuja relação significante/significado caracteriza-se por um funcionamento efetivo na comunidade.

Nessa perspectiva, o neologismo deve ser considerado como uma novidade lexical funcional, pragmática, já que o conceito depende dos julgamentos coletivos.

Quando inseridos nos dicionários, os neologismos fazem parte do léxico patrimonial, mostrando a aceitação dos mesmos na comunidade linguística. Entretanto, nota-se que os dicionários não são coerentes, pois há unidades neológicas na língua que não constam de obras lexicográficas, e outras, pouco difundidas, registradas. O importante a destacar é que o neologismo não pode ser dissociado do discurso feito pelo criador, indivíduo integrado a uma comunidade, experimentando uma situação dada.

PROCESSOS DE CRIAÇÃO LEXICAL

O estudo da morfologia, ou seja, da formação de palavras, serve para demonstrar a flexibilidade da língua, flexibilidade esta que permite ao falante nativo transferir palavras de uma categoria a outra, através da adição de afixos.

Para Sandmann (1989), os processos neológicos com prefixos, sufixos e cruzamento vocabulares são muito produtivos. O autor centra sua análise em 42 jornais brasileiros, a partir dos processos de derivação e composição considerados por ele os mais comuns e mais produtivos.

Na derivação, Sandmann (1992) aborda a *prefixação* (elementos antepostos a um radical – *minissaia, retornar*); a *sufixação* (elementos pospostos a um radical – *joelhoço, publicitário*); a *derivação regressiva* (há dois tipos: o primeiro, que produziu *sarampo* de *sarampão*; e o segundo, que forma substantivos a partir de verbos: *encaixar* → *encaixe*); *conversão* (não há adição nem subtração de elementos; uma palavra muda de classe gramatical sem alteração fônica: o *então* presidente-advérbio → adjetivo) e a *derivação parassintética* (um prefixo e um sufixo se unem simultaneamente a uma base adjetiva ou substantiva para formar nova palavra: *en-* + *sombra* + *-ecer* → *ensombrecer*).

O autor chama a atenção a respeito do fato de que os afixos veiculam ideias gerais, constituindo

um elenco fixo, praticamente fechado, de determinado código linguístico. Entretanto, às vezes, há um confronto entre prefixação e composição, pois a estrutura dos compostos vernáculos é DM (determinado) – DT (determinante: *sessão-festa*) e da prefixação é DT (determinante) – DM (determinado: *pós-nacionalista*); entretanto, os compostos formados pelo modelo clássico ou estrangeiro (os neoclássicos) têm estrutura DT-DM igual à das prefixações (*videolocadora*) e dificultam a distinção entre composição e prefixação. Diante disso, não tem sido suficiente para distinguir prefixação de composição o fato de a maioria dos prefixos serem elementos presos.

No processo de composição, Sandmann (1992), em relação ao aspecto sintático, divide os compostos em copulativos e determinativos. Nos compostos copulativos há uma relação paratática, isto é, cada um dos elementos pode responder pelo outro, nenhum determina o outro: assim, alguém pode ser ao mesmo tempo cantor e compositor, sendo um *cantor-compositor*. Já nos compostos determinativos a relação é de subordinação e a sequência dos elementos mais comuns é DM-DT (determinado/determinante) que é normal para o português: *caminhão-inseticida, auxílio-creche*. Há, porém, compostos com a sequência DT-DM (determinante/determinado) por influência estrangeira: *radiopatrulha, motosserra*.

Com relação ao cruzamento vocabular, Sandmann (1992) afirma que é um tipo de composição em que as bases que entram na formação da nova unidade lexical, ou pelo menos uma, sofrem diminuição de seu corpo fônico como no caso de *Larango*, nome do suco que contém lar(anja) e mor(ango). Ressalta o autor que o corte deve respeitar a estrutura silábica da língua e que não temos uma produção em série, como na prefixação e sufixação, mas sim, a produção de forma por forma, artesanalmente. Para o autor, há uma especificidade semântica nos cruzamentos vocabulares pois, muitas vezes, carregam uma emocionalidade depreciativa com pitadas de ironia como no caso de *esquerdalha* (*esquerda* + *canalha*). Ressalta, também, a densidade semântica como em *Poemia*, nome de jornal literário que pode ser o cruzamento de *poema* + *boemia*, *poema* + *poesia* e a efemeridade da duração do cruzamento, visto o momento ou contexto para o qual ou no qual foi criado. Não deixando de mostrar, porém, o mérito e a graça, sinal de que o cruzamento vocabular é o

produto da criatividade e inventividade do código e de seus usuários.

Já para Basílio (1989), os processos de formação de palavra são a derivação e a composição.

Quando os afixos (prefixos e sufixos) se unem a uma base, tem-se a derivação: *retratista* (base = *retrato* + sufixo = *ista*), *reler* (prefixo = *re-* + base = *ler*).

A autora ressalta que, geralmente, a base de uma forma derivada é livre, isto é, uma palavra comum ou uma forma que pode por si só constituir um enunciado; mas há casos de derivação em que a base é presa como é o caso de *psicológico* em que *psicolog* – é composta e presa. Já o processo de composição na formação de palavra é a junção de uma base a outra, seja presa ou livre: *guarda-chuva* (guarda + chuva), *sociolinguístico* (sociolinguístico), *agricultura* (agri + cultura).

Segundo afirma Basílio (1989), os dois processos são diferentes, embora complementares na função de formação das palavras. Na derivação, a expressão de categorias nocionais tem um teor geral e, na composição, há combinações particulares.

Para a autora, na derivação, as funções sintático-semânticas são definidas pelos afixos que são de diferentes graus de generalidade, ocasionando um teor significativo de produtividade. Por exemplo, no português, a produtividade é quase absoluta nos processos derivacionais da transformação de verbos em substantivos, ocorrendo grande generalidade. Já não é o caso do sufixo *-ada* em *feijoada*, *camaroada*, em que o teor de produtividade é bem restrito pelo fato de a função do sufixo indicar um prato feito na base do alimento nomeado na base.

O fator relevante para o estabelecimento da noção de produtividade, para a autora, baseia-se na “generalidade das noções envolvidas na função do processo de formação” (BASILIO, 1989, p. 29). Cita, então, como noções bastante comuns e de grande generalidade as de negação, grau, designação de indivíduos ou entidades abstratas.

Basílio (1989) afirma que o que define o processo de composição é o papel definido pela estrutura de cada base: em *sofá-cama*, *peixe-espada*, *couve-flor* tem-se substantivo + substantivo, em que o primeiro termo funciona como núcleo da construção e o segundo, como modificador ou especificador; em *obra-prima*, *livre-arbítrio*, tem-se a estrutura substantivo + adjetivo, em que o núcleo é o substantivo e o adjetivo é o modificador; em *guarda-roupa*, *mata-mosquito* há a estrutura verbo +

substantivo e o substantivo tem função de objeto direto do verbo.

Portanto, o processo de composição utiliza a estrutura sintática objetivando o léxico, pois cada base que se junta na formação de uma palavra tem seu papel definido na estrutura. A composição é um processo que permite categorizações mais particulares, ao contrário da derivação.

A autora apresenta como outros processos de formação a derivação regressiva, a derivação imprópria e a formação parassintética.

Com relação aos neologismos, Alves (1994) afirma que eles se dividem em fonológicos, sintáticos, conversão, neologismos semânticos e empréstimos.

Para Alves (1994), quando há a criação de uma unidade com o significante inédito, ocorre o neologismo fonológico e esta unidade só terá caráter neológico se for interpretada pelo receptor. A fim de garantir a eficácia da comunicação, o mecanismo da comunicação impede a vivacidade da neologia fonológica.

Já os neologismos sintáticos, segundo a autora, combinam elementos já existentes na língua e esta combinação ocorre tanto no âmbito lexical como no nível frásico. Os neologismos sintáticos, segundo a autora, dividem-se em derivação prefixal, derivação sufixal, derivação parassintética, composição, composição sintagmática e composição por siglas acronímicas.

Segundo Alves (1994), os neologismos formados por composição apresentam-se na justaposição de bases autônomas ou não-autônomas, sendo fecundos na imprensa contemporânea. As unidades lexicais, na composição, funcionam como um único elemento, morfológica e semanticamente e podem adquirir caráter subordinativo ou coordenativo.

Alves (1994) afirma que os compostos subordinativos envolvem uma relação determinante/determinado ou determinado/determinante entre os dois componentes da unidade lexical; a base determinada constitui o elemento genérico à qual o determinante acresce uma especificação, como em *político-galã* e *enredos-denúncias*. A autora chama a atenção, para um tipo interessante de composição, criado por analogia com *três-em-um*: *cinco-em-um* e *seis-em-um*. Já os compostos coordenativos são formados pela justaposição de bases que possuem a mesma distribuição: *telespectador-eleitor-contribuinte*,

operação *caça-fantasma*, delegação *jordaniano-palestina*.

RESULTADOS E DISCUSSÃO

José Simão, usando uma linguagem coloquial, sustenta um humor crítico que decorre justamente de sua estratégia peculiar de “montar” as unidades lexicais neológicas, que nos remetem à própria caricatura dos fatos/pessoas às quais elas se referem. Para isso é necessário um leitor atento, que trabalhe, na compreensão do processo de montagem e desmontagem das palavras, não só com o linguístico, como também com o conhecimento da situação e da crítica que a ela subjaz e que está contida na própria forma das unidades criadas.

O humor do jornalista, decorrente de seu trabalho com o linguístico, encontra-se, de certa forma menos delimitado no campo entre o verbal e o não-verbal. Em outras palavras, o seu processo de criação, principalmente nos cruzamentos vocabulares, já apresenta, no próprio escrito, as linhas da charge que o leitor deve desenhar em sua mente. Usando um termo de José Simão, esse trabalho do leitor talvez seja proporcionado pelo “colírio alucinógeno” que ele “pinga” também nas palavras e que as faz transmutar em caricaturas, registradas em outro código na mente do leitor.

“Buemba! Buemba! Macaco Simão urgente! O braço armado da gandaia nacional. Direto do país da piada pronta”.

Eis aí a fórmula do texto introdutório com que José Simão inicia, há muitos anos, suas crônicas na Folha Ilustrada, seção do jornal *Folha de São Paulo*.

Comentando o intencional apagamento que o autor faz do locutor José Simão para a instauração do novo locutor Macaco Simão, Almeida (1997), em entrevista eletrônica com o jornalista, diz: “Sem nunca perder a máxima de Oswald de Andrade: ‘quem não sabe esculhambar a si mesmo não pode esculhambar os outros’, foi para esculhambar ainda mais que meio que ‘matou’ (sic) o José e valorizou o Macaco Simão. Existe figura mais mole, irreverente e transgressora que o Macaco, ainda por cima com uma caprichada e derramada dose de viadagem?”

E a resposta de Simão, na entrevista citada, vem pronta: “Só eu. Rarará!!! E segurando o cipó. Rarará!!! Meu humor tem muita viadagem

porque só ‘viado’ saca algumas coisas. Por isso que são chamados de gays, os alegres. Ouvi de um ‘viado’ cabeleireiro no Ceará: ‘Não sei por que o papa é contra os gays. Ora, ele se chama Karol!’. Não é uma maravilha? Puta sacada inteligente. Coisa de ‘viado’”.

É nessa característica de inteligência e humor crítico que Simão constrói a imagem do Macaco Simão, que se mostra, no texto, como o “braço armado da gandaia nacional”.

É interessante observar que o enunciado acima vem sempre precedido de “Buemba!!! Buemba!!!”, itens lexicais que anunciam, estrondosamente, a chegada do locutor ao palco do humor crítico e que, na sua ditongação, já nos remetem ao contexto “cucaracha” da esculhambação, evocando uma imagem da América Latina da qual todos fazemos parte e conhecemos os problemas, principalmente os do Brasil.

Ressalte-se que esses itens lexicais já mostram ao leitor que o jornalista utiliza do recurso da Seleção Lexical. A expressão “Buemba!!! Buemba!!!”, por exemplo, é comum e recorrente em seus textos, demonstrando, assim, que o texto que segue é de própria autoria do jornalista, sendo uma marca registrada e empregada em todos os seus textos

É nessa perspectiva que pretendemos analisar como a criação neológica de José Simão opera sobre unidades lexicais morfológicamente possíveis em relação a situações sociais e as suas intenções humorísticas. No enfoque estrutural pretendemos elencar a sua produção neológica.

Iniciamos as análises das unidades neológicas selecionadas efetuando um pequeno levantamento de palavras neológicas que acreditamos serem significativas para a exemplificação do estilo de José Simão. As análises mais acuradas restringem-se às formações com compostos, cruzamentos vocabulares, prefixos e sufixos.

Ressaltamos que o processo de cruzamento vocabular é o que apresenta material mais significativo para o nosso interesse em explorar a temática deste trabalho, ou seja, o humor e sátira por meio de palavras, própria do estilo de José Simão.

Assim, registramos *liimpeachment* (limpeza + impeachment) “A manifestação dos gripados: Impeeeachment! Saúde! *Liimpeachment!* Saúde! *Liimpeachment!* Saúde!” (F.S.P. 15/ 08/ 15 - C 9). A partir de duas unidades lexicais, criou-se o

neologismo *liimpeachment*, cujo significado é limpeza por impeachment, uma vez que limpeza traz saúde, portanto, para um país mais saudável, devemos lutar pelo impeachment da presidente Dilma. Salienta-se ainda que a relação que une as bases lexicais de *liimpeachment* se deve a fatores pragmáticos, ou seja, nem sempre estão em relação mútua de conteúdo, conforme Sandmann (1989)), ele se apresenta como uma escolha interessante que reproduz contextos de crítica, ironia e principalmente de humor.

Observa-se que o jornalista caracteriza seus textos com parágrafos que possuem orações curtas, com muitas informações e pontuação bastante exclamativa.

Em *Arrouba lheira* “E um leitor me mandou o e-mail do governo: planalto@lheira.gov.br. Lheira é um novo provedor. *Arrouba lheira!*” (F.S.P. 10/ 07/ 17 - E 5). Para efetuarmos a análise dessa unidade, é interessante considerarmos, primeiramente, o símbolo @ e seu contexto de aparecimento. Esse é o elemento que exemplifica o modo inovador de o jornalista criar seus neologismos. Ele se utiliza de todas as possibilidades de manipulação dos sentidos ao fazer qualquer sistema de significação trabalhar a serviço de sua intenção crítica.

No caso analisado, o significado de @, unindo à unidade substantivada *Lheira* (o provedor), dá-nos a imagem do usuário (Planalto) em roubalheira, ou seja, a roubalheira que se instalou no Planalto.

Nesse sentido, os cruzamentos vocabulares surgem como um processo que vem carregado de marcas de subjetividade reveladas na criatividade de sua densidade semântica e é por essa característica que ele pode ser analisado, também, no campo estilístico.

Na palavra *Escandaleiros* (escândalos + Calheiro) “Pronto! E o pacote do Renan *Escandalheiros* ? (...)” (F. S. P. 15/08/15 –C 9) encontramos uma unidade neológica que denuncia os Escândalos no Congresso Nacional.

Apesar de o procedimento ser o de perda de parte do primeiro elemento, o item lexical acima também é considerado um exemplo de neologismo inovador do jornalista. Tal como em *Arrouba lheira*, verifica-se que o sistema de significação trabalha pela intenção crítica de Simão por meio de manipulação dos sentidos.

Os empréstimos linguísticos também foram utilizados pelo jornalista José Simão: “A mão

que balança o *Brady*” (F. S. 15/08/15 – C 9); “ O Brasil é lúdico! É que em Olinda tinha restaurante francês chamado *La Mer*.E aí abriram uma barraca na frente chamada *La Mer e La Merdinha!*” (F. S. 11/08/15 – C 7).

Em *Debatedio* (debate + tédio) “*Deabatedio!* Todos vão fazer tudo!” (Folha uol, 11/08/2018 às 2h) observamos a crítica ao debate realizado pela Band com os candidatos ao cargo de Presidente da República, pois este evento não trouxe esclarecimentos nem propostas de governo que fizessem o telespectador decidir votar em um ou outro candidato. Ao contrário, o tédio e o marasmo permaneceram durante todo o programa. E a população não consegue nem escolher o “menos ruim” para votar.

Nota-se também que o autor espera que o leitor possua algumas informações prévias, além de contar com o conhecimento compartilhado entre autor e leitor para se fazer compreender e para produzir os efeitos de sentido necessários. Assim, suas escolhas lexicais devem ser as mais precisas possíveis para manter o tom cômico e bem-humorado, presente em todo o texto.

É importante salientar que Basílio (1989) apresenta duas funções como centrais nos processos de formação de palavras: a que decorre da necessidade semântica de denominação e a que opera com a mudança de classe da palavra, indicando, pois, uma adequação sintática. Outra função, considerada pela autora como pertencente aos aspectos mais gerais ou globais do enunciado, diz respeito à função discursiva, ou à adequação ao enunciado da unidade criada que se configura nas atitudes subjetivas e nas manifestações requeridas pela estrutura textual (tipos narrativos, opinativos, científicos etc). Dessa forma, gostaríamos de ressaltar que a autora considera como uma função a ser acrescentada o aspecto pragmático das coerções discursivas, em que se mesclam fatores de ordem social, cultural, contextuais e de atitudes subjetivas (intencionais).

Essa visão foi corroborada pelas análises efetuadas, pois os neologismos criados apresentaram-se como produtos diretos do contexto sociocomunicativo, regidos, principalmente, pela intenção subjetiva do autor de realizar a crítica de pessoas e fatos por meio do humor.

CONSIDERAÇÕES FINAIS

Partindo das afirmações de Mattoso Câmara (1978:13) de que “o estilo é a definição de uma personalidade em termos estilísticos” (p. 13), este trabalho teve como objetivo analisar as unidades neológicas no estilo de José Simão, refletindo, principalmente, sobre a relação entre o cruzamento vocabular e o processo de formação de palavras.

A nossa hipótese inicial confirmou-se nas análises efetuadas, pois observamos que os “scripts” de nosso universo cognitivo se subvertem e, por meio das unidades criadas, somos conduzidos a configurar um novo quadro que ressignifica o “velho” conhecido na crítica mordaz veiculada no próprio item criado.

O processo da ressignificação no campo da produção neológica é sempre o resultado esperado, mas o nosso interesse foi o de verificar até que ponto o modo peculiar de José Simão submeter as possibilidades de criação lexical o aproxima do humor e da sátira jornalística.

Na análise do estilo de Simão, a noção de escolha como constitutiva do estilo depende não só de construções-padrão, mas também e, principalmente, da situação social em que os “desvios” são legitimados pelas regulações sociais.

Nesse sentido, a personalidade transgressora, crítica e debochada com que se apresenta o Macaco Simão é que nos faz legitimar os seus “jogos linguísticos”, a partir do reconhecimento da crítica ao contexto social em que estamos inseridos. Não é por acaso que José Simão cria o personagem Macaco Simão: ele sabe que, talvez, as escolhas “desviantes” do primeiro

não seriam legitimadas por nós (ou até pelo próprio jornal); ao contrário, não só autorizamos toda e qualquer infração do segundo, como gostamos e rimos delas, apesar de, muitas vezes, serem chulas, satiricamente contundentes e ofensivas. Mas o Macaco Simão tudo pode, já que ele é o porta-voz de nosso próprio descontentamento e da nossa própria crítica. Em cada leitor há um pouco do Macaco também.

REFERÊNCIA BIBLIOGRÁFICA

ALMEIDA, J. **Achados chistosos da psicanálise na escrita de José Simão**. São Paulo: Editora Escuta; EDUC, 1998.

ALVES, I. M. **Neologismo: criação lexical**. São Paulo: Ática, 1994.

BASILIO, M. **Teoria Lexical**. São Paulo: Ática, 1989.

BIDERMAN, M. T. **Teoria Linguística**. São Paulo: Martins Fontes, 2001.

CÂMARA JR. **Contribuição à Estilística Portuguesa**. Rio de Janeiro: Ao Livro Técnico, 1978.

REY, A. **Neologisme: Um pseudo-concept?** In Cahiers de Lexicologie, Revue Internationale de Lexicologie et de Lexicographie, n. 28, 1976, p. 3-17

SANDMANN, A. J. **Formação de palavras no português brasileiro contemporâneo**. Curitiba: Ícone, 1989.

_____. **Morfologia Lexical**. São Paulo: Editora Contexto, 1992.